
CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial

Ludmilla Camilloto
Universidade Federal de Ouro Preto
ludmillabcamilloto@gmail.com

Margareth Diniz
Universidade Federal de Ouro Preto
margareth@ufop.edu.br

Recepción: marzo 2025 / Aceptación: mayo 2025

Resumen

Este ensayo analiza la emergencia de la sexualidad infantil en investigaciones con niños en Educación Infantil. La investigación original se centró en estudios étnico-raciales para evaluar cómo la oferta de personajes negros como protagonistas en producciones cinematográficas con representaciones positivas de la negritud podría funcionar como un catalizador de identificación para los niños, generando resonancias en su subjetividad. Sin embargo, elementos de la sexualidad surgieron significativamente en las escenas dialógicas con una de las niñas participantes en la investigación, durante los encuentros colectivos y en su entrevista individual. Desde el psicoanálisis, se discute cómo la sexualidad permea al sujeto. El estudio sugiere que escuchar a los niños puede revelar la importancia de abordar cuestiones raciales y sexuales desde la primera infancia, en la vida y la educación, considerando el inconsciente.

Palabras clave

Infancia, Sexualidad, Psicoanálisis, Intervención-Investigación

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

Sexualidade e Infância: transbordamentos em uma pesquisa-intervenção com foco étnico-racial

Ludmilla Camilloto
Universidade Federal de Ouro Preto
ludmillabcamilloto@gmail.com

Margareth Diniz
Universidade Federal de Ouro Preto
margareth@ufop.edu.br

Recepción: marzo 2025 / Aceptación: mayo 2025

Resumo

Este artigo pretende analisar a emergência da sexualidade infantil em uma pesquisa-intervenção realizada com crianças da Educação Infantil. A pesquisa original localizava-se no campo dos estudos étnico-raciais, objetivando compreender como a oferta de personagens negros como protagonistas em produções cinematográficas com representações positivas da negritude poderia funcionar como catalisador identificador para as crianças, produzindo ressonâncias em sua subjetividade. No entanto, elementos da sexualidade emergiram de forma significativa em cenas dialógicas com uma das crianças participantes da pesquisa, na ocasião das oficinas coletivas e em sua entrevista individual. A partir do referencial psicanalítico, discute-se como a sexualidade atravessa o sujeito em sua constituição subjetiva. O estudo sugere que a escuta atenta de crianças em contextos pedagógicos pode revelar a importância de não escamotear o tema racial e sexual na mais tenra infância na vida e na educação, considerando o inconsciente.

Palavras-chave

Infância, Sexualidade, Psicanálise, Pesquisa-Intervenção

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

Sexuality and Childhood: overflows in an ethnic-racial focused intervention research

Ludmilla Camilloto
Universidade Federal de Ouro Preto
ludmillabcamilloto@gmail.com

Margareth Diniz
Universidade Federal de Ouro Preto
margareth@ufop.edu.br

Recepción: marzo 2025 / Aceptación: mayo 2025

Abstract

This paper analyzes the emergence of child sexuality through an intervention study conducted with children in early childhood education. The original research focused on ethnic-racial studies, aiming to investigate how the presence of black lead characters depicted positively in terms of blackness, could serve as a catalyst for children's identification, generating resonances in their subjectivity. However, elements of sexuality emerged significantly in dialogic scenes with one of the children participating in the research, during the collective workshops and in her individual interview. Drawing on a psychoanalytic framework, it explores how sexuality influences the subject in its subjective constitution. The study suggests that attentive listening to children in pedagogical contexts can highlight the significance of addressing racial and sexual issues in early childhood education, considering unconscious.

Key Words

Childhood, Sexuality, Psychoanalysis, Intervention Research

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

Sexualité et enfance: débordements dans une recherche interventionnelle à visée ethnico-raciale

Ludmilla Camilloto
Universidade Federal de Ouro Preto
ludmillabcamilloto@gmail.com

Margareth Diniz
Universidade Federal de Ouro Preto
margareth@ufop.edu.br

Recepción: marzo 2025 / Aceptación: mayo 2025

Résumé

Cet article vise à analyser l'émergence de la sexualité infantile dans une étude interventionnelle menée auprès d'enfants scolarisés en petite enfance. La recherche initiale s'inscrivait dans le champ des études ethnico-raciales et visait à comprendre comment la présence de personnages noirs comme protagonistes dans des productions cinématographiques présentant des représentations positives de la noirceur pouvait servir de catalyseur identitaire pour les enfants, produisant des résonances dans leur subjectivité. Cependant, des éléments de sexualité sont apparus de manière significative dans les scènes dialogiques avec l'une des enfants participant à la recherche, lors des ateliers collectifs et de son entretien individuel. S'appuyant sur un cadre psychanalytique, l'étude examine comment la sexualité imprègne le sujet dans sa constitution subjective. Elle suggère qu'une écoute attentive des enfants dans des contextes pédagogiques peut révéler l'importance de ne pas occulter les thèmes raciaux et sexuels dans la petite enfance, dans la vie et l'éducation, en tenant compte de l'inconscient.

Mots-clés

Enfance, sexualité, psychanalyse, recherche interventionnelle

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

Sexualidade e Infância:
transbordamentos em uma pesquisa-intervenção com foco étnico-racial

Sexualidad e infancia:
Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial

Ludmilla Camilloto
Universidade Federal de Ouro Preto
ludmillabcamilloto@gmail.com

Margareth Diniz
Universidade Federal de Ouro Preto
margareth@ufop.edu.br

Recepción: marzo 2025 / Aceptación: mayo 2025

1. A pesquisa-intervenção e o que emergiu *a posteriori*

Este artigo tem como ponto de partida uma pesquisa-intervenção¹ que se debruçou sobre a temática racial, especialmente sobre a representação cultural da negritude e da branquitude no cinema – sobretudo em produções assistidas por crianças que traziam super-heróis e princesas como personagens principais –, com o objetivo de investigar se e como a oferta de representações positivas da negritude, de seus corpos, sua existência e sua cultura, poderia funcionar como catalisador identificador para as crianças, produzindo ressonâncias em sua subjetividade. Diante da abundância de representações de personagens brancos e suas histórias, aos quais são atrelados toda a sorte de atributos valorativos, compreendemos que ainda faltam espelhos identificatórios positivos da negritude às crianças no espaço

¹ Tese “Branquitude e Negritude em cena: efeitos na constituição subjetiva de crianças a partir da identificação com personagens de cinema”, desenvolvida pela primeira autora e orientada pela segunda autora no decurso do Doutorado em Educação, pela Universidade Federal de Ouro Preto.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

cinematográfico. Ou, ainda, que esses espelhos, para algumas crianças, apresentam-se quebrados, podendo significar uma aniquilação simbólica.

A pesquisa esteve às voltas com os processos identificatórios de crianças pequenas em uma sociedade em que o ideal do eu² é projetado a partir da branquitude normativa, que relaciona o “ser branco” a ser inteligente, capaz, poderoso, belo e virtuoso. Também voltou-se à análise da produção de signos e significados que influenciam a produção de conhecimento, o imaginário coletivo e a consolidação de modelos e ideais, compreendendo que a branquitude sustenta a produção de um modelo identificatório padrão e universal. Por meio desta pesquisa, buscou-se interpelar a branquitude como sistema de opressão e desigualdade que opera na construção das representações culturais pelo domínio hegemônico da indústria cinematográfica e demais instâncias de poder.

Visando abarcar a interdisciplinaridade posta na pergunta inicial e nos objetivos da pesquisa, propusemos uma interlocução entre contribuições teóricas e metodológicas de quatro diferentes campos epistemológicos: a Teoria Racial Crítica e os Estudos Críticos da Branquitude³, que apoiaram na compreensão de como o conceito de raça é construído no Brasil e das formas plurais por meio das quais o racismo se manifesta; os Estudos Culturais, com foco nas representações e os estereótipos atribuídos à negritude no cinema⁴; a Psicanálise, com o objetivo de compreender os processos identificatórios com personagens do cinema, sobretudo quando os espelhos estão ausentes ou quebrados, entendendo que as discussões sobre raça não poderiam prescindir da dimensão do inconsciente em suas análises⁵

² O ideal do eu, instância psíquica erigida no processo de constituição do sujeito, constitui-se como um modelo de referência do eu e está intimamente relacionado com os processos identificatórios do sujeito e à formação do superego, que internaliza as regras morais e sociais.

³ Especialmente por meio das produções teóricas de Bento (2002), Munanga (2003), Guimarães (2003), Cardoso (2020), Kilomba (2019), Gomes (2019), Schucman (2020) e outras/os autoras/es.

⁴ Sobretudo a partir das contribuições teóricas de Sodr  (1978), Hall (1995; 2016), Kellner (2001), Stam (2003), Collins (2019), hooks (2017a, 2019) e outras/os autoras/es.

⁵ As principais contribuições psicanalíticas para pensar as questões emergentes nesse estudo s o emprestadas das obras de Freud (1921/1996) e de Lacan (1949/1988) e também de importantes e

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

; e, por fim, o campo da Educação, onde a pesquisa foi desenvolvida, pretendendo contribuir para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER)⁶. Essa articulação produziu um *corpus* teórico e metodológico que nos permitiu propor outras estratégias representacionais que desafiam e promovem fissuras nas diversas representações convencionais, as quais incidem na constituição de subjetividades.

Adotamos, como aporte metodológico, a pesquisa-intervenção inserida no paradigma indiciário proposto por Ginsburg (1989) e orientada pelo método clínico, conforme as contribuições teóricas e práticas de Diniz (2011, 2018) e Pereira (2020). Como dispositivos da pesquisa, foram realizadas cinco oficinas com vinte e duas crianças, entre quatro e seis anos de idade, estudantes do 1º e 2º períodos da Educação Infantil em uma escola pública mineira⁷.

Após a conclusão dos encontros coletivos, foram realizadas entrevistas de orientação clínica individuais com seis das crianças participantes, com o objetivo de escutá-las mais atentamente e sem as interferências do grupo, buscando melhor compreender como se apropriavam e respondiam aos discursos presentes nesse tipo de produções culturais e suas representações, especialmente com relação à questão racial. Além disso, os encontros individuais objetivavam observar como as crianças interagem com os personagens e demais recursos pedagógicos utilizados e de que maneira eles poderiam contribuir para a autoidentificação racial e elaboração de sentidos sobre as categorias raciais. A análise dos

pioneiras obras a articularem psicanálise e racismo, refletindo sobre as suas ressonâncias na elaboração das subjetividades de pessoas negras, especialmente de crianças, como Bicudo (2010), Fanon (2008), Souza (2021), Gonzales (2020), Nogueira (2021), Guerra (2020) e outras/os.

⁶ A partir das discussões propostas por Silva (2004), Gomes (2007), Cardoso (2021), Pinheiro (2023) e outras/os.

⁷ Como suporte investigatório foram utilizados alguns recursos como fragmentos de filmes de super-heróis e princesas e livros infantis com personagens negros como protagonistas (representação positiva da negritude e identificação), espelhos (imagem corporal e identidade), bonecos de personagens fílmicos (identificação e dramatização), desenhos e colagens (autorretrato e mapa dos sonhos), bonecas-bebês idênticas a não ser pela cor da pele branca e negra de cada uma (projeção e dramatização) e caixas de giz de cera com diferentes tonalidades de cor da pele (autoidentificação e heteroidentificação racial). Entre as oficinas, entrevistas e outras intervenções realizadas na escola, o tempo total de contato com as crianças foi de um ano.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

filmes e personagens selecionados nos levou a observar a evolução da representação da branquitude e da negritude nessas produções.

Durante as oficinas, houve cenas em que “Gamer”, “Lua”, “Luccas”, “Estrela”, “Fadinha” e “Black”⁸ trouxeram em suas falas ou comportamento, de maneira mais proeminente que as outras, elementos relacionáveis às representações culturais da negritude e branquitude, à autoidentificação e heteroidentificação racial, à relação com o cabelo e outros elementos que pretendíamos – escutar com mais atenção e profundidade. Esse foi o critério para a escolha das seis crianças. Nos encontros foi possível escutar o que elas próprias tinham a dizer sobre suas identificações, pensamentos, escolhas, preferências e rejeições, mesmo que não verbalizados, mas enunciados por meio das expressões corporais, desenhos e teatralizações.

A escolha da pesquisa-intervenção, conforme aponta Diniz (2011, 2018), requer a observância de algumas premissas como considerar a criança como sujeito do inconsciente e compreender que somente conseguirá contornar o objeto da pesquisa e o sujeito por meio de traços, lacunas, emblemas e sinais. É necessário, ainda, saber que não será possível apreender todo o objeto, suportando as incertezas da pesquisa e suas “zonas cegas” e deslocar o foco do produto para o processo da pesquisa. Consideramos que essa forma de fazer pesquisa permite vir à tona as transferências, contratransferências, implicações, identificações, dificuldades e insucessos emergentes em sua trajetória, em vez de escamoteá-los.

A pesquisa vai acontecendo conforme o seu desenrolar, assim como um instrumento de corda vai sendo afinado na medida em que as notas são tocadas. Nesse sentido, Pereira (2020, p.51) nos recorda do princípio freudiano do xadrez, por meio do qual só se tem conhecimento de antemão a apresentação sistemática e exaustiva da abertura e do final do jogo, mas a infinidade de jogadas e suas variadas combinações são impossíveis de prever. A

⁸ Apelidos escolhidos pelas próprias crianças na primeira oficina para que pudéssemos garantir o anonimato na escrita.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

escolha do método clínico, portanto, pressupõe a imprevisibilidade de resultados e que a técnica não deve se sobrepor ao sujeito, sob pena de se perder a sua singularidade e particularidades, excluindo-o. O que iria emergir nos encontros com as crianças, não obstante o planejamento prévio das oficinas e materiais, não tinha sido previsto: fomos a campo esperando encontrar elementos que dissessem respeito à dimensão racial e fomos interpeladas com as questões da sexualidade infantil.

Larrosa (2004) revela o equívoco de se pensar que já sabemos tudo sobre as infâncias, o que pensam as crianças e do que elas precisam. O autor afirma que as crianças são “esses seres estranhos dos quais nada se sabe, e que “a infância é um outro”, que “foge às nossas tentativas de captura e abala as nossas incertezas quanto aquilo que sabemos” (Larrosa, 2004). Dessa maneira, embora ainda seja largamente compartilhada a ideia universal, ocidentalizada e totalizante de criança e de infâncias, elas devem ser concebidas por um lado, em sua pluralidade e, por outro, em sua singularidade. Ademais, a noção de infância compartilhada em determinado momento histórico deve ser contextualizada, uma vez que se trata de um constructo social e historicamente situado.

Compreendemos a criança como sujeito do inconsciente e como sujeitos capazes de, intersubjetivamente, produzir significados e sentidos para as suas experiências e de expressar (verbalmente ou não) as suas interpretações sobre si, o outro e o mundo. Segundo Castro (2008), a criança é “agente e detentora de um saber prático sobre o que é ser criança”, estando “legitimadas e mais bem posicionadas para falar sobre suas próprias experiências” (p. 27). Nos encontros com elas nos aproximamos “de seus valores, de sua cultura e dos modos como ela(s) traduz(em) os signos de seu tempo e os transformam em fantasias, medos, desafios, heróis e brinquedos” (Souza & Salgado, 2008, p. 512).

Nesse sentido, uma escuta cuidadosa dos indícios pode revelar insights e nuances valiosos para a análise e, na pesquisa-intervenção, as crianças deixaram pistas, as quais

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

buscamos seguir, por meio da escuta como ato intencional, considerando a criança em sua alteridade.

Este artigo surge, então, a partir de uma interrogação advinda no decurso da pesquisa-intervenção. Originalmente voltada para as identificações raciais infantis, o estudo se deparou com a emergência de questões ligadas à sexualidade, especialmente por meio das falas e interações de uma menina: “Lua”. Na pesquisa original, esse aspecto não foi detidamente elaborado, embora enunciado. É a partir das cenas que trazem à tona a sexualidade infantil que o presente artigo se desenvolve.

2. Encontros com “Lua”

“Lua” era uma menina de cinco anos de idade na ocasião da pesquisa-intervenção, negra com a pele retinta, cabelos crespos e curtos, sorridente e com bastante vivacidade. Carinhosa, gostava de abraçar (- *eu te amo, tia!* era escutado com frequência). Participava com entusiasmo de todas as atividades propostas. Incansavelmente, fazia perguntas, com certa frequência sobre casamento e filhos. Assim como as outras meninas, apreciava brincar com as bonecas das princesas, vestindo suas fantasias e rodopiando pela sala enquanto as seguravam. Nas oficinas, também brincavam de “mamãe e filhinha”, com a mãe saindo para trabalhar, alimentando a criança e a fazendo dormir, ou casando-se com um “príncipe” e arrumando-se para um baile⁹.

⁹ Na pesquisa, ficou bastante evidente a marcação de gênero nas brincadeiras das crianças. Diferente das meninas, os meninos brincavam de “lutinha”, usando o escudo, o martelo e a garra dos personagens, ocupando mais o espaço físico. Fizemos uma reflexão a respeito dos papéis de gênero, inclusive reforçados pelas representações cinematográficas que, não raramente, atribuem funções e características específicas para mulheres/meninas e homens/meninos. As escolhas das crianças reproduzem os papéis sociais de gênero, a ideia de maternidade compulsória e a dinâmica da economia do cuidado, indicando que desde muito cedo esses papéis são assimilados por elas.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

A garotinha doce, com olhos de “jabuticaba” e pele de “chocolate” – como ela mesma se descreveu em uma ocasião. Ao participar da leitura de *Amoras*, livro infantil de autoria do cantor e escritor Emicida (2018) no qual a menina negra de pele retinta diz que a amora mais pretinha é a mais docinha e que ela ficava feliz porque também era pretinha, “Lua” olhou para seu braço e disse: *eu também sou pretinha!* Essa constatação soava como uma nova descoberta. Até então, ela ainda não havia utilizado esse significante para referir-se à sua cor de pele. À medida que os encontros foram acontecendo, as crianças iam adotando significantes outros para nomearem a própria cor de pele, embora ainda não se reconhecessem como “pessoas negras” ou “pessoas brancas”.

Em muitas outras cenas nas quais houve a participação direta de “Lua”, a temática racial ganhou relevo, sobretudo com relação ao cabelo e cor da pele, sendo essas categorias – juntamente com o ideal do eu, o eu ideal e os traços identificatórios – tratadas pelo referencial psicanalítico. A autoidentificação e a heteroidentificação racial, realizadas pelas crianças e suas percepções acerca da negritude e da branquitude, e a representação, tratamos pelo viés dos Estudos Críticos da Branquitude e dos Estudos Culturais. Tais categorias analíticas orientaram o planejamento e a condução das oficinas e entrevistas, assim como desempenharam papel fundamental para interpretação e identificação dos achados, significados subjacentes, padrões, relações ou tendências.

Entretanto, “Lua” trouxe à baila a questão da sexualidade, que não fazia parte do objeto de investigação da pesquisa, mas certamente a atravessou em vários momentos justamente porque atravessa os sujeitos. Trazemos, aqui, alguns recortes ilustrativos.

Em uma cena, “Lua” brinca com outras meninas e encenam uma interação entre algumas personagens. Segura a boneca da Mulher-Maravilha e da princesa Tiana em cada uma das mãos e as coloca “*pra beijar*”, dizendo que são namoradas: - *oi, amor...*, uma diz à outra e se “*beijam na boca*”, segundo suas palavras.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

Em sua entrevista individual, já com seis anos de idade, “Lua” demonstrou estar bem feliz com a possibilidade de, novamente, brincar com “*aquelas moças*”, segundo se recordava das oficinas. De fato, nas interações de “Lua” com as bonecas, elas se comportavam como “moças” um pouco mais velhas e não “meninas”. Conversando sobre os filmes assistidos na oficina “Cineminha”, ela observou: - *a gente viu o filme da Maravilha e do Super Man, da Cinderela.*

Pesquisadora: *e mais qual a gente viu? A princesa Tiana...Você lembra dela?*

“Lua”: *Tiana? É a borboleta! (mostrou qual era). É, eu chamo ela de borboleta... (Brinca com outras bonecas...)*

“Lua”: (...) *Você sabe aquela borboleta? pegando a boneca da Tiana,...essa aqui.*

Pesquisadora: *sei, a Tiana, o que tem ela?*

“Lua”: *ela namora!, contando em tom de segredo, com a mão na boca.*

Pesquisadora: *namora? Quem te contou que ela namora?*

“Lua”: *tá vendo essas amigas dela aqui? (mostrando todas as outras bonecas na mesa). Então, ela “chamaro” as amiga dela pra ver esse aqui, o namorado dela (pegando o boneco do Capitão América, um super-herói branco).*

Pesquisadora: *o Capitão América? E desde quando ela tá namorando?*

“Lua”: *tem cinco minutos*

(...)

“Lua”: *eu gostaria de ser uma Branca de Neve...porque é muito legal e come a maçã que a bruxa faz....*

Pesquisadora: *e depois ela desmaia, né?*

“Lua”: *é...ai depois o príncipe beija ela! Para um segundo e emenda: eu não queria casar não...*

Pesquisadora: *não queria casar, porque?*

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

“Lua” rindo, envergonhada: *porque eu não gosto!* Desconversando, diz que gosta do cabelo da princesa Elsa, longo e loiro, enfatizando que era bonito. “Lua” explicou que dormia na cama com seus pais porque tinha medo de monstros. E interpelou: *Você tem um filho, né? Seu filho dorme com você e com seu marido?* A pesquisadora responde que não, que o filho dormia no quarto dele desde que era um bebê. “Lua”, então, diz: - *Mas eu não durmo sozinha não, Deus me livre! Eu tenho medo!*

Brincando com as bonecas das princesas, “Lua” coloca a cabeça da boneca Shuri entre as pernas da boneca Elsa e diz: -*olha, olha isso daqui! Abre a perna!*

Pesquisadora: *abrir a perna pra quê?*

“Lua”: *pra fingir namorado!* Coloca, então, a Mulher-Maravilha de frente ao Capitão América e diz: -*ai, agora que beija.* “Lua” inicia uma encenação, com vários personagens. A Mulher-Maravilha diz para a Cinderela: -*amiga, vou ali rapidinho, cuida do meu namorado!* (e sai de cena). -*Aí ela vai, “mija”, e do nada* (coloca a Cinderela na frente do Capitão América)...*vai e beija.* Aí a namorada chega e fala: *“o que é isso aí os dois beijano?”* Aí vai brigando com a amiga, tá vendo?, ela pergunta. As “amigas” começam a brigar, quando uma cai por cima da outra e “Lua” diz: - *ai, do nada, faz assim ó...você não viu o que aconteceu? Você não viu!* Pesquisadora: *não, não vi. O que houve?*

“Lua”: *as duas quase beijaram!!*

Pesquisadora: *mas as duas não estavam brigando?*

“Lua”: *tava, tava brigando sim, mas aí fez assim...aí do nada abriu a perna e ela fez assim. Pá!!* Aí bateu aqui, tá vendo? (e posiciona a cabeça da Cinderela na altura da calcinha da Mulher Maravilha). *Tá vendo onde bateu?*

Pesquisadora: *estou vendo! E o que tem isso?*

“Lua”: *aí do nada ela morreu!, e a boneca “desmaia” na mesa.*

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

Pesquisadora: *e você viu em algum filme ou na internet uma cena parecida com essa aqui do namoro, que a amiga beija o namorado da outra? Ela diz que sim e emenda: - Quatro amigas roubaram o namorado dela. Eu tenho que ir pra minha sala agora, né? Eu queria ficar mais aqui!!*

Pesquisadora: *pode ficar mais...e qual o final dessa história?*

“Lua”: *aí a Branca de Neve comeu a maçã e fez assim...(abriu as pernas dela) e tirou a calcinha.*

Pesquisadora: *tirou a calcinha pra quê?*

“Lua”: *pro home ver, tá vendo? (levantou mais o vestido da boneca até em cima)...aí tirou pra ver o peito.*

Pesquisadora: *e porque que o homem queria ver o peito dela?*

“Lua”: *porque o home fez isso e ela não queria fazer isso...*

Pesquisadora: *isso o que, “Lua”, não entendi...*

“Lua”: *o home abriu a perna dela!*

Após o término da oficina e da entrevista individual, essas cenas foram reportadas à professora e à direção da escola, principalmente em relação à insistência da menina sobre o gesto de “abrir as pernas das bonecas”. Recordamo-nos da teoria freudiana do desenvolvimento psicosexual infantil (1905), quando uma criança com cinco anos de idade como ela, na fase fálica, pode estar às voltas com a diferença sexual, os órgãos genitais e, eventualmente, com a sua estimulação (satisfação masturbatória). No entanto, esse gesto de “abrir as pernas das bonecas” a todo momento não parecia típico de uma criança em sua idade. Qual significado estava contido naqueles significantes? Ela estaria repetindo algo que ouviu ou viu na internet, à qual tem acesso, segundo ela? Ou teria visto algo parecido e estava reproduzindo? De que ordem era sua fantasia?

3. No meio do caminho tinha a...sexualidade

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

A infância foi (e ainda é, em alguma medida) historicamente compreendida como um período fora da incidência da sexualidade, uma concepção que a Psicanálise, desde Freud (1905), desestabilizou ao demonstrar que a sexualidade está presente já nos primeiros anos de vida. A sexualidade tem sido, no senso comum, impregnada pelo reducionismo que a conceitua apenas como sinônimo de genitalidade e de reprodução, principalmente no campo educacional e até mesmo no meio acadêmico. É um tema alvo de censuras, tabus, distorções e tentativas de reduzi-la meramente às questões de reprodução e genitalidade, ou pelo contrário, à superexposição midiática que banaliza e explora o tema.

É a Psicanálise e as descobertas freudianas que alteram esse paradigma na concepção de sexualidade, passando a vê-la como essência da atividade humana, sendo reconhecida como ponto de referência para a formação do psiquismo humano. Freud confere à sexualidade um sentido bem mais amplo, entendendo-a como constitutiva da subjetividade humana.

A criança, desde a mais tenra idade, manifesta curiosidades relacionadas à sexualidade, lançando-se às observações e investigações sexuais. E de acordo com Kupfer (2007), as “[...] primeiras investigações são sempre sexuais e não podem deixar de sê-lo: o que está em jogo é a necessidade que tem a criança de definir, antes de mais nada, seu lugar no mundo. E esse lugar é, a princípio, um lugar sexual” (p. 81).

Na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), à princípio, Freud – por meio da clínica e relato de mulheres histéricas – imaginou que a sexualidade era despertada na criança por meio de um adulto abusador. A partir de tais relatos, Freud formula a teoria da sedução, em que o adulto investe na criança. Com o tempo, percebe que o abuso não havia acontecido e que se tratava, na verdade, de uma fantasia (realidade psíquica). Freud, então, deixa de lado a teoria da sedução para tratar da fantasia, abrindo, assim, espaço para grandes descobertas relacionadas à sexualidade infantil. “Lua” estaria trazendo à tona uma fantasia em suas brincadeiras com as bonecas?

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

O princípio do conceito de sexualidade para Freud é de que toda pulsão é pulsão sexual. De acordo com Kupfer (2007),

No pensamento freudiano, sexual não se confunde com genital. A sexualidade genital refere-se precisamente à cópula com o objetivo de procriar ou de obter prazer orgástico. Mas a sexualidade é mais ampla que a sexualidade genital. Inclui as preliminares do ato sexual, as perversões, as experiências sexuais da criança vividas em relação ao seu próprio corpo ou em contato com o corpo da mãe (p. 39).

No segundo dos “*Três Ensaíos*” (1905), Freud surpreende e causa espanto quando afirma que as experiências e condutas sexuais infantis interferem na vida e no comportamento da pessoa adulta. De acordo com Freud (1989a) “[...] o recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver por algum tempo [...]” (p.165). Na obra *O esclarecimento sexual das crianças*, de 1907, Freud (1989b) complementa afirmando que “[...] na realidade o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações sexuais; só muito poucas crianças alcançam a puberdade sem ter tido sensações e atividades sexuais” (p. 139).

As afirmações de Freud sobre a existência e a presença da sexualidade desde a mais tenra idade não deixariam de repercutir em uma época em que a concepção que se tinha de criança era de que essa seria um ser “inocente” e desprovido de sexualidade. Segundo o autor,

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual [...] (Freud, 1989a, p. 162).

Freud afirma que, ao nascer, a criança é só pulsão (energia, libido) e que tal pulsão é de origem sexual e essa pulsão sexual pode decompor-se em pulsões parciais, que são os aspectos perversos presentes na sexualidade infantil.

A pulsão sexual associa-se, desde o início da vida, à satisfação através do estímulo de uma zona erógena e, para que haja a necessidade de repeti-la, a satisfação precisa ter sido antes vivenciada. Geralmente os estímulos das zonas erógenas estão inicialmente vinculados às funções fisiológicas vitais, como a alimentação, a defecação, a micção. Toda e qualquer a parte do corpo pode vir a tornar-se zona erógena, definida por Freud (1905) como parte da pele ou mucosa nas quais certos tipos de estímulos provocam sensação de prazer. Essas zonas erógenas são fontes de várias pulsões parciais (autoerotismo), determinando, em maior ou menor grau, certo tipo de meta sexual, que são fontes de prazer, de acordo com Boroto e Senatore (2019).

Além disso, Freud reconheceu a disposição “perverso-polimorfa” que todos os seres humanos possuem, pois a sexualidade infantil se manifesta de várias formas, não havendo primazia de uma zona erógena determinada, afastando-se do modelo genital de relação sexual. As formas de obtenção de prazer derivam de qualquer área ou órgão do corpo, pois a sexualidade encontra-se, na infância, submetida à ação de pulsões parciais, que tendem a se incorporar apenas a partir da puberdade. Embora essas fases de desenvolvimento sexual ocorram desde o nascimento do bebê, isso não significa que haja uma sequência de acontecimentos que ocorrem em tempo linear, sendo possíveis de serem observadas em determinadas épocas da infância, a depender da cultura em que essa infância está localizada.

Para Boroto e Senatore (2019), a partir do contato com os pais e cuidadores a criança vai tecendo suas primeiras sensações sexuais, que serão base para formação de vínculos

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

afetivos. A criança, então, por meio da pulsão sexual (libido) começará a buscar seus objetivos de satisfação e prazer.

De acordo com o desenvolvimento psicosexual freudiano, na “fase oral” – que ocorre, aproximadamente, entre zero e dezoito meses –, o seio materno, que é o primeiro objeto tátil do bebê, remete à relação primordial entre a mãe e a criança durante o período de amamentação. Após seu nascimento, nesse momento o bebê terá a primeira experiência de satisfação de sua vida, que jamais será repetida com tamanha intensidade. Além de saciar a sua fome, encontra seu primeiro objeto. Junto com o leite, o bebê experimenta o prazer do toque, do carinho e do colo materno. Essa experiência torna-se uma referência fundamental para o sujeito ao longo de sua vida. A amamentação é, segundo Kupfer (2007),

[...] entendida já como uma experiência sexual, geradora de prazer para a criança que suga e até mesmo para a mãe que amamenta. Não se veja aí qualquer sinal de perversão no sentido usual do termo, e sim um exercício prazeroso que o contato corporal proporciona. Mesmo que a criança dirija suas fantasias a outra pessoa (objeto) – como por exemplo a mãe –, o prazer é buscado em seu próprio corpo (p. 39).

A “fase sádico-anal”, que tem início por volta do segundo ano de vida da criança, mostra que a zona anal é fonte de grande excitabilidade. Para tirar proveito do prazer proveniente dessa parte erógena do corpo, a criança retém as fezes para que o acúmulo e a expulsão lhe deem sensação prazerosa, de acordo com Kupfer (2007). Entre três a cinco/seis anos de idade, aproximadamente, a criança entra na “fase fálica”, que é efetivamente definida por Freud no texto *A organização genital infantil* (1923/1989d). Nessa fase, a libido erotiza os órgãos genitais e as crianças apresentam a vontade de manipulá-los. Aqui é possível a observação e constatação do quanto a sexualidade encontra-se presente na criança, como podemos observar em “Lua”, embora ela desse indícios de sua precocidade em relação à “fase genital”, nos colocando em dúvida em relação às suas experiências, pois poderia estar presenciando cenas sexuais propriamente ditas, já que dormia com seus pais. Há entre as fases

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

fálica e genital, um “período de latência”, quando até por volta dos dez ou doze anos, a energia da libido se desloca dos seus objetivos sexuais para outras finalidades, sendo canalizada por meio da sublimação para o desenvolvimento intelectual e social da criança, com jogos, escola e vínculos de amizade.

A “fase genital” é atingida na adolescência. Nessa fase, o objeto de desejo não se encontra mais no próprio corpo, mas no outro. Agora as pulsões parciais são organizadas, unificadas e hierarquizadas por meio da primazia da zona genital. Apesar dessa primazia, as demais zonas erógenas não desaparecem, continuam sendo fonte de prazer, de acordo com Kupfer (2007). Podemos tecer alguma relação entre os relatos de “Lua” e o que apontou Freud (1989a):

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade [...] Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles (p. 182).

O que inaugura o espírito observador e reflexivo da criança é o medo da perda do carinho de seus cuidadores pela ameaça – efetiva ou imaginada – da chegada de um bebê e a criança é levada a “criar” teorias para resolver o enigma de sua própria existência, iniciando, assim, indagações e investigações sobre a vida sexual. Freud diz que a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta a si mesma: *‘De onde vêm os bebês?’*. Essa pergunta é, como toda pesquisa, o produto de uma exigência vital, como se ao pensamento fosse atribuída a tarefa de impedir a repetição de eventos tão temidos. Para a

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

criança, a origem dos bebês “trata-se da questão mais remota e premente a atormentar a humanidade imatura” (Freud, 1989b, p. 171).

Em 1908, no artigo *Sobre as teorias sexuais infantis*, Freud discorre sobre as teorias que as crianças formulam. Segundo ele, quando a criança se volta para os que considera fonte de sabedoria (pais e cuidadores) pedindo uma resposta para seu enigma e recebe dos mesmos repreensões e/ou respostas evasivas, não se satisfaz e continua tendo dúvidas, decepcionando-se. Por causa de tal decepção e da desconfiança de que os adultos escondem algo, as crianças passam a fazer suas investigações em segredo e de maneira solitária, no dizer de Boroto e Senatore (2019).

A primeira teoria que formam na solidão de suas investigações é de que todos possuem um único órgão genital, o masculino. Nessa fase, o órgão genital masculino é de suma importância e gera grande interesse – narcísico – por parte da criança. O interesse e a importância dada ao órgão genital masculino geram indagações sobre o sexo do outro. A genitália feminina não é entendida como outro órgão sexual e sim vista como a ausência de um pênis, que a princípio, acredita-se que ainda irá crescer. Na ânsia de descobrir como nascem os bebês, as crianças formulam a segunda teoria: a teoria cloacal. Esta teoria é formulada pelo desconhecimento do órgão sexual feminino. Pela observação, concluem que o bebê se desenvolve dentro da mãe e supõem que ele nasce por via anal. Se o bebê nasce pelo ânus, o homem também pode, assim como a mulher, ter um bebê. Portanto, é natural que nessa fase o menino venha a imaginar que possa vir a ter um bebê. Depois de algum tempo atribuem para mesma questão o nascimento pelo umbigo ou pelo corte da barriga.

Quando, acidentalmente, as crianças testemunham a relação sexual entre os pais, surge a terceira das teorias sexuais formulada pelas crianças, que é a “concepção sádica do coito”. Este é entendido pela criança como ato violento imposto pelo mais forte ao mais fraco. Provavelmente, pelo fato de entender o ato sexual como ato violento, as crianças não relacionem o mesmo com a origem dos bebês. Nossa pergunta novamente nos leva a

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

interrogar se “Lua” teria presenciado algo da relação sexual entre o par parental, pois afirma que “não quer se casar”.

No dizer de Boroto e Senatore (2019), além das teorias descritas, algumas crianças ainda demonstram outra curiosidade relacionada à origem dos bebês, que é a natureza de “ser casado”. Para a criança, o casamento pode ser visto como uma espécie de atividade conjunta em que não existe pudor (micção, defecação, mostrar o traseiro, a mistura de sangue). Tais teorias são concebidas pela criança de maneira espontânea nos primeiros anos de vida, sob a influência apenas da pulsão sexual. Essas teorias, segundo Freud, estão condenadas a ser abandonadas, sendo algumas esquecidas e outras recalçadas e fixadas no inconsciente. O processo de investigação é, então, abandonado – por volta do sexto ano de idade da criança – devido à falsidade das teorias sexuais, a não aceitação da castração materna e pela dissolução do complexo de Édipo.

No artigo *A organização genital infantil*, de 1923, Freud traz alguns acréscimos para a obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e retoma a temática da primazia do pênis. A princípio, a distinção entre homem e mulher é percebida pelo menino, mas ele não vincula a diferença de órgãos genitais a essa distinção. Ao perceber a ausência do pênis nas meninas, o menino a entende como resultado de uma castração. Isso só ocorre a partir de uma ameaça de castração que o menino tenha vivenciado anteriormente.

Em 1924, com o texto intitulado *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud relaciona a organização fálica, o complexo de Édipo, o complexo de castração, a formação do superego e o período de latência. Tal relação justifica, segundo Freud, que a destruição do complexo de Édipo seja causada pela ameaça de castração. O complexo de Édipo era, para a teoria psicanalítica, momento decisivo da formação do sujeito e ponto decisivo da sexualidade humana:

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo (Freud, 1989e, p. 221).

Para Freud, o desenvolvimento correspondente na menina é obscuro e cheio de lacunas, apesar de achar que a solução do complexo de Édipo nas meninas é mais fácil. Para ele, a menina apenas precisa assumir o lugar da mãe, adotando uma atitude feminina perante o pai: com a renúncia do pênis e a aceitação de não o possuir, a menina o trocaria pelo desejo de ter um filho. Dessa forma, o complexo de Édipo nas meninas chega ao auge no desejo de receber do pai um bebê de presente, ou seja, um filho. Não sendo realizado tal desejo o complexo vai sendo, gradativamente, abandonado, mas permanece no inconsciente. Toda essa formulação atualmente é bastante questionável, como de resto toda a teoria edipiana.

Na *Conferência XXXIII sobre Feminilidade (1933)*, nas *Novas Conferências Introdutórias*, Freud diz que além de as meninas responsabilizarem a própria mãe pela falta de pênis, não a perdoam por se sentirem em desvantagem. Vão, assim, aproximando-se do pai. Na menina, o complexo de castração é, portanto, a porta de entrada para o complexo de Édipo. Para o menino, é difícil confrontar-se com a falta do órgão que ele tanto exalta e, assim, o complexo de castração torna-se a saída do complexo de Édipo. Para ambos o complexo de castração apresenta-se como um problema, mas de forma distinta e mesmo naquela época, Freud já afirmava que não havia uma única maneira de atravessar o complexo de Édipo, sendo um processo singular.

Com a dissolução do complexo de Édipo, a criança entra no período de latência, período de reorganização interna, no dizer de Boroto e Senatore (2019): “Nessa fase há o declínio da sexualidade infantil até a puberdade. O declínio aparece também a partir do aparecimento de certos “diques”, que limitam as pulsões sexuais, como o sentimento de vergonha, nojo, repugnância. Tais diques são construídos com a contribuição da Educação” (p. 46).

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

Com a repressão do Édipo a energia libidinal se afasta de seus objetivos sexuais. Todavia, tal energia não desaparece nem finda, sendo necessário ser deslocada para outros objetivos. Através de um processo chamado sublimação essa energia vai sendo “canalizada” para outros fins: o desenvolvimento social e intelectual da criança. Assim, a sublimação seria o desvio das forças pulsionais sexuais para realizações culturais e aceitas socialmente.

Segundo Freud (1989b), não há motivo algum para se ocultar questões relacionadas à sexualidade das crianças: “não parece haver uma única razão de peso para negar às crianças o esclarecimento que sua sede de saber exige. [...] Se as dúvidas que as crianças levam aos mais velhos não são satisfeitas, elas continuam a atormentá-las em segredo [...]” (p. 142).

A falta de sinceridade dos adultos para com os questionamentos infantis pode, de certa forma, comprometer o futuro intelectual das crianças. As mentiras inventadas à criança diante de inquietações, questionamentos e investigações sexuais podem causar certo conflito psíquico, abalando sua confiança nos pais (ou cuidadores). Para Freud, o ocultamento da verdade é um grande erro, que trará consequências futuras, de acordo com Boroto e Senatore (2019).

A negação do esclarecimento sexual às crianças, sua tentativa de ocultamento e a dificuldade do adulto em lidar com a sexualidade infantil relacionam-se à amnésia infantil, descrita por Freud em 1905, nos “*Três Ensaios*”. A amnésia infantil oculta as lembranças da própria vida sexual do adulto enquanto criança e as experiências sexuais vivenciadas nesse período. O fato de não se lembrar, na vida adulta, de episódios da primeira infância acontece em virtude do recalçamento das vivências sexuais infantis. Todo ser humano passou pela sexualidade quando criança, porém se esqueceu de tudo, tendo tais vivências ficado no inconsciente de cada um. A criança, ao manifestar sua sexualidade, mostra isso ao adulto, que a recrimina. A verdade é que o ser humano carrega por toda a vida as marcas dos traumas, conflitos e desejos da criança que foi.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

A questão é que, como afirma Zornig (2008), “a sexualidade infantil confronta o adulto com sua própria infância perdida” (p. 39). Portanto, a amnésia infantil é um período esquecido e ao mesmo tempo determinante na vida do indivíduo. De certa forma, o adulto sempre portará o infantil que o compõe e “[...] cabe ao adulto não interpretar a sexualidade infantil atribuindo-lhes significados adultos, mas sim, reconhecer sua forma de comunicação, sua demanda de amor” (Zornig, 2008, p. 76). Nesse sentido, pode ser que “Lua” apenas quisesse expressar sua demanda de amor ao comparar a pesquisadora com sua mãe, ou ao lhe perguntar sobre seu filho.

4. Considerações finais

Apesar da moral repressora de sua época, Freud afirmava e defendia o pluralismo que compõe a sexualidade que tem início desde a infância. Mesmo tendo sido proferidas há mais de cem anos, as suas palavras, acima citadas, podem em algumas situações parecer atuais e em outras situações nos parecer obsoletas, pois os elementos da teoria da sexualidade proposta por Freud são, de certa maneira, impregnados pela ideologia predominante na sociedade de seu tempo, uma sociedade patriarcal, machista.

Ao longo dos séculos, inúmeros discursos foram sendo formulados em torno do tema “sexualidade”. A cada momento histórico, tais discursos foram sendo apresentados como verdades ditadas ora pelo Estado, pela Igreja ou pela Medicina que, por meio de discursos ideológicos, foram determinando o que deveria ser considerado “normal”.

O que permanece pregnante é a compreensão por meio da psicanálise, que a sexualidade não está e nem se encontra fora do sujeito, é algo inerente ao ser humano. Está presente desde os primeiros anos de vida e vai sendo formada nas relações estabelecidas com o outro e com o mundo social, e, definitivamente a sexualidade não engloba apenas a reprodução e o prazer ligado aos genitais.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

Mesmo não sendo a criança o alvo a partir do qual inicia suas pesquisas, ao escrever *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud atribui à infância um lugar privilegiado, através de uma sistematização teórica avançando na compreensão de uma sexualidade para além da necessidade fisiológica, obtendo a sensação de prazer sexual em qualquer parte do próprio corpo, relacionando-a sobretudo com o desejo.

Primamos pela necessidade de que sejam esclarecidas as dúvidas infantis relacionadas à questão da sexualidade, buscando, assim, não reprimir suas manifestações sexuais, ajudando as crianças a lidarem com a organização libidinal instável em que se encontram, auxiliando-as, assim, a se constituírem como sujeitos adultos razoavelmente saudáveis.

Apesar de Freud ter formulado há mais de um século a teoria da sexualidade infantil, propondo a noção de uma infância diferente e afastada da tradicional ideia de pureza infantil, revelando uma criança dotada de desejos, afetos e conflitos, é possível perceber, ainda nos dias atuais, tanto pela sociedade, quanto pela escola, muitos embaraços em relação à sexualidade infantil, provocando de certo modo a inibição, a qual pode trazer consequências psíquicas para o adulto.

Não é mais possível, depois das teorias de Freud, ignorar que a criança é um ser sexuado. A importância atribuída, em sua obra, à sexualidade infantil deve-se ao reconhecimento do valor estruturante dessa para o ser humano, pois “[...] as teorias sexuais infantis permitem à criança interpretar o enigma de sua existência [...]” (Zornig, 2008, p. 76).

A pesquisa revelou, portanto, que ir a campo esperando encontrar elementos relacionados aos aspectos étnico-raciais, provocou também o encontro com o inesperado, quando a questão da sexualidade emergiu, de maneira que seu enfrentamento foi inescapável pela via das teorias sexuais em psicanálise.

Bibliografía

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

- Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público* [Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php>
- Bicudo, V. L. (2010). *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* (M. C. Maio, Org.). Sociologia e Política.
- Boroto, I. G., & Senatore, R. C. M. (2019). A sexualidade infantil em destaque: algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*.
- Cardoso, C. (2021). *Branquitude na educação infantil*. Appris. E-book.
- Cardoso, L. (2020). *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional. Volume 2: A branquitude acadêmica*. Appris Editora.
- Castro, L. R. (2008). Conhecer, transformar(-se) e aprender. Pesquisando com crianças e jovens. In L. R. Castro & V. L. Besset (Orgs.), *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (pp. 21-42). Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* (J. P. Dias, Trad.). Boitempo.
- Diniz, M. (2011). O método clínico e sua utilização na pesquisa. *Revista Espaço Acadêmico*, (120).
- Diniz, M. (2018). O(a) pesquisador(a), o método clínico e sua utilização na pesquisa. In T. Ferreira & A. Vorcaro (Orgs.), *Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita*. Autêntica Editora.
- Emicida. (2018). *Amoras* (A. Fabrini, Ilust.). Companhia das Letrinhas.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. Silveira, Trad.). EDUFBA.
- Freud, S. (1989a). *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII). Imago. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1989b). *O esclarecimento sexual das crianças* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IX). Imago. (Original publicado em 1907)
- Freud, S. (1989c). *Sobre as teorias sexuais infantis* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IX). Imago. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (1996). *Psicologia de grupo e análise do ego* (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII). Imago. (Original publicado em 1921)
- Freud, S. (1989d). *A organização genital infantil* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX). Imago. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1989e). *A dissolução do complexo de Édipo* (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX). Imago. (Original publicado em 1924)
- Freud, S. (1989f). *Novas Conferências Introdutórias* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXII). Imago. (Original publicado em 1933)
- Ginsburg, C. (1989). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (F. Carotti, Trad.). Companhia das Letras.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025: <http://www.infeies.com.ar>

- Gomes, N. L. (2007). *Indagações sobre currículo: diversidade e currículo*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica.
- Gomes, N. L. (2019). *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Autêntica. E-book.
- Gonzales, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (F. Rios & M. Lima, Orgs.). Zahar. (Original publicado em 1983)
- Guerra, A. M. C. (2020). O papel da psicanálise na desconstrução do racismo à Brasileira. *Revista Subjetividades*, 20 (Especial 2).
- Guimarães, A. S. A. (2003). Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educação e Pesquisa*, 29(1), 93-107.
- Hall, S. (1995). Raça, o significante flutuante (L. Sovik, Trad). *Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação* (D. Miranda & W. Oliveira, Trad.). Ed. PUC-Rio: Apicuri.
- Hooks, B. (2017a). O olhar opositivo – a espectadora negra. *Fora de quadro*, 26 mai. <https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>
- Hooks, B. (2017b). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (M. B. Cipolla, Trad.). Editora WMF Martins Fontes.
- Hooks, B. (2019). *Olhares negros: raça e representação* (S. Borges, Trad.). Elefante.
- Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno* (I. C. Benedetti Trad.). EDUSC.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (J. Oliveira, Trad.). Cobogó.
- Kupfer, M. C. M. (2007). *Freud e a Educação: o mestre do impossível*. Scipione.
- Lacan, J. (1988). O estádio do espelho como formador da função do eu: tal como nos é revelada na experiência analítica. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 96-103). Jorge Zahar. (Original publicado em 1949)
- Larrosa, J. (2004). *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas* (A. Veiga-Neto, Trad., 4ª ed.). Autêntica.
- Munanga, K. (2003). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Seminário Nacional Relações Raciais e Educação*, PENESB, Rio de Janeiro.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Perspectiva.
- Pereira, M. R. (2020). A Psicanálise que praticamos na educação e seus possíveis equívocos. In R. Voltolini & R. Gurski (Orgs.), *Retratos da pesquisa em Psicanálise e Educação*. Editora Contracorrente.
- Pinheiro, B. C. S. (2023). *Como ser um educador antirracista*. Planeta do Brasil.
- Schucman, L. V. (2020). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo* (2ª ed.). Veneta.

CAMILLOTO, L. & DINIZ, M. Sexualidad e infancia: Desbordamientos en una intervención-investigación con enfoque étnico-racial. INFEIES – RM, 14 (14). Presentación de casos - Mayo 2025:
<http://www.infeies.com.ar>

Silva, P. B. G. (2004). Parecer CNE/CP n.º 3/2004. In *BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Diário Oficial da União, Brasília.

Sodré, M. (1987). *Televisão e Psicanálise*. Série Princípios. Editora Ática S.A.

Souza, S. J., & Salgado, R. G. (2008). Mikhail Bakhtin e a ética das imagens nos estudos da infância: uma proposta de pesquisa-intervenção. In L. R. Castro & V. L. Besset (Orgs.), *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (pp. 490-513). Trarepa/FAPERJ.

Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Zahar.

Stam, R. (2003). *Introdução à teoria do cinema* (F. Mascarello, Trad.). Papirus.

Zornig, S. M. A. (2008). As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 73-77.